

Reflexões sobre o instrumentalismo da gestão: análise fílmica de *Gattaca*

Luana Jéssica Oliveira Carmo

Amanda Fontes Silva Fontes Silva

Marcella Barbosa Miranda Teixeira

Ludmila Machado Guimarães de Vasconcelos

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo discutir como a análise fílmica de *Gattaca – A Experiência Genética* contribui para a construção de uma reflexão sobre as implicações do excessivo instrumentalismo da gestão, proposto por Gaulejac (2007). Para este autor, “a gestão gerencialista é uma ideologia que traduz as atividades humanas em indicadores de desempenhos [...]” (Gaulejac, 2007, p. 36). Assim, essa ideologia submete todos os indivíduos às leis de mercado, que são marcadas pela



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 14 | DEZEMBRO | 2018 | ISSN: 2358-6311



competição generalizada e pelos valores atribuídos aos resultados contábeis e financeiros. Cabe aos indivíduos se adaptarem a este cenário, onde a importância dos humanos e da sociedade é preterida em relação aos resultados numéricos. Dessa maneira, sob uma perspectiva pragmática e racional e em nome da qualidade, da eficácia e da competitividade, constrói-se um mundo novo, marcado pela ideologia gerencialista.

Essa ideologia tem por objetivo a aprovação dos funcionários e da sociedade às exigências e demandas das empresas e de seus acionistas, utilizando uma abordagem utilitarista, instrumental e contábil nas relações entre o homem e a sociedade. Para o autor: "tudo se gere", tanto as instituições quantos as famílias, as relações amorosas, os sentimentos e as emoções. Com isso, o indivíduo se torna o capital a ser explorado e que deve se tornar produtivo, rentável (Gaulejac, 2007, p. 28).

Gaulejac (2007) corroborando com Morin (2003) acredita que neste tipo de sociedade cada pessoa pode ter o papel de produtor e produto do sistema, podendo também ser o ator e o agente e fazer o sistema funcionar ou suportá-lo. O autor destaca a busca pelo reconhecimento e de sentido dentro de uma competição sem limites pelo alto desempenho, transformando a sociedade em um mercado, em que cada pessoa se compromete a encontrar um lugar e mantê-lo.

Com base neste cenário, este trabalho utilizou-se do filme *Gattaca – A experiência genética* como objeto de estudo com o intuito de ilustrar uma crítica à ideologia gerencialista que impõe regras de aceitação do indivíduo na sociedade. Para tanto, foi utilizada como obra principal o livro de Vincent de Gaulejac, *Gestão como doença social*, como fundamentação para a análise do filme *Gattaca – A experiência genética*. A obra de Gaulejac foi publicada em 2007 e teve como foco abordar a ideologia gerencialista e a fragmentação social. O autor analisa alguns aspectos da sociedade atual, trazendo indagações como: o que é gestão? Será que realmente tudo se gere? Diante de tais indagações, surge a seguinte questão para reflexão: será que, de fato, o domínio da tecnologia anteparada pelo mercado afetará a sociedade de tal modo como é representado no filme?

Da mesma maneira que o filme, o livro distingue os válidos dos inválidos, sendo esses últimos os que não conseguiram acompanhar o desenvolvimento dos primeiros ou os que não alcançaram o desempenho satisfatório dentro das organizações. A ideologia gerencialista prega com recorrência os padrões de qualidade, padrões de excelência e padrões de sucesso. Já na obra cinematográfica, existe um padrão de ser humano válido, que são as pessoas concebidas geneticamente por laboratórios, tendo suas características definidas por seus pais. É a eugenia, que será abordada neste trabalho pelo olhar crítico de Habermas (2004). Para Habermas, a partir do momento em que se define uma

combinação genética, a pessoa se torna um objeto, com destino determinado, sem ser dono de sua história. No filme, essas pessoas eram consideradas como superiores aos “filhos da fé” ou “inválidos” que eram os indivíduos concebidos naturalmente, e, por essa discriminação, os inválidos só conseguiam trabalhos subalternos, ou seja, como invisíveis sociais.

Dessa maneira, esta pesquisa objetiva discutir como a análise fílmica de *Gattaca – A Experiência Genética* contribui para a construção de uma reflexão sobre as implicações do excessivo instrumentalismo da gestão, proposta por Gaulejac (2007). De acordo com Alvarenga *et al.* (2012), a utilização da linguagem fílmica como recurso didático em ensino-aprendizagem e em pesquisa na área de Administração, vem ganhando abertura para novas perspectivas que despertam o interesse de pesquisadores. Além disso, o cinema é uma arte que representa o mundo esteticamente (Morin, 2003).

Sendo assim, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: o referencial teórico contempla inicialmente o sujeito na psicossociologia e o debate sobre o trabalho como fonte de prazer e sofrimento. Posteriormente, são apresentados os conceitos da ideologia gerencialista e o culto ao desempenho e a excelência. Por último, será apresentada a crítica de Habermas (2004) à eugenia liberal. Na metodologia apresentou-se a importância da análise fílmica e os conceitos de Charaudeau

(1983; 2001; 2006) sobre a análise do discurso. Por fim, foram apresentadas as considerações finais deste trabalho, sugerindo ao leitor uma reflexão sobre o tema e sobre os impactos causados pela ideologia gerencialista na vida social dos sujeitos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica teve como foco envolver conceitos e ideias dos principais autores a respeito do sujeito na psicossociologia, o prazer e sofrimento do trabalho, a ideologia gerencialista, o culto ao desempenho e excelência e a crítica de Habermas à eugenia liberal, que serão abordados a seguir.

De acordo com Moraes (2012), a gestão tratada no livro de Gaulejac refere-se a um conjunto de técnicas e saberes práticos utilizados nos setores de recursos humanos de grandes empresas, visando orientar condutas e estabelecer uma cultura corporativa. A partir desta definição e dos conceitos trazidos por Enriquez (1990; 2001), Lhuilier (2014), Habermas (2004), Morin (1996; 2003) e outros, buscou-se fornecer um arcabouço teórico capaz de fundamentar a análise.

O sujeito na psicossociologia

A psicossociologia surgiu na década de 1930, buscando investigar sobre articulação entre campo social, condutas humanas e vida psíquica. Ela direciona seus estudos para os mediadores entre indivíduo e sociedade, ou seja, os grupos, as organizações e as instituições (Enriquez, 1990; Lhuilier, 2014). Assim, a psicossociologia busca investigar as relações entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social. Nessa perspectiva, considera-se que os grupos sociais são mediadores da vida pessoal dos indivíduos, e são criados, regidos e transformados por eles (Bendassoli & Soboll, 2011).

Enquanto a sociologia estuda a sociedade e a psicologia estuda o sujeito, para a psicossociologia, o sujeito é parte do social, e ambos devem ser estudados. De acordo com Bendassoli e Soboll (2011), essa corrente estuda o indivíduo em situações sociais reais, e situações que existem fora dele e pelas quais ele é influenciado. São cenários que o sujeito é capaz de compreender e também de influenciar. Dessa maneira, parte-se do entendimento que todo indivíduo é perpassado por um âmbito social, sendo que o sujeito pertence a diversos grupos, o que faz com que tenha múltiplas identificações (Enriquez, 1990).

Para Morin (2003), o sujeito não é apenas ator, ele é também autor, capaz de decisão, de escolhas e de cognição. A sociedade não está entregue somente a

determinismos materiais, ela também é local de confronto e cooperação de sujeitos, entre o nós e o eu. Ele ainda continua afirmando que, para compreender o sujeito, é necessária a noção de autonomia e dependência, pois, ao mesmo tempo o sujeito é produtor e produto, a sociedade é produtora e produto. Como em um ciclo, “os indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações, mas a sociedade, à medida que emerge, produz a humanidade desses indivíduos, fornecendo-lhes a linguagem e a cultura” (Morin, 2003, p. 95). Para o autor, o sujeito possui capacidade de decisão e escolha. Essa liberdade de escolha faz o sujeito livre. No entanto, ao mesmo tempo determinado por uma sociedade constituída por relações de poder que moldam comportamentos aceitáveis (Morin, 1996).

Na concepção de Oltramari, Frierichs e Grzybovsky (2014), a linguagem é a forma de organizar e compreender o mundo que nos rodeia, e os discursos, através dela estruturados, expressam as ideias de determinados sujeitos ou grupos sobre a realidade. Por isso, Barthes (1971) destaca que os discursos em circulação pelo cotidiano social são espaços de realização da sua subjetividade, não só porque o homem constrói um ou outro significado na medida em que é atravessado pelos signos da linguagem, mas pelo próprio trabalho de significação.

De acordo com Enriquez (2001) a conduta do indivíduo é estruturada social e culturalmente. Ele caracteriza o indivíduo como heterônomo, o qual só existe e só

pode funcionar no interior de um social dado. Entretanto, o autor afirma que mesmo no indivíduo mais heterônomo, existe espaço para a autonomia. Sobre essa dicotomia em relação ao social ser determinado e imposto ao sujeito, para a psicologia social, o social comporta o que já está dado, mas também é transformado pelas dinâmicas coletivas, ou seja, considera a ação do sujeito sobre seu meio como uma ação transformadora. O que faz a sociedade é um conjunto dinâmico de transformação da realidade (Lhuillier, 2014, p. 10).

Enriquez (2001) traz uma diferenciação do indivíduo individualizado para o sujeito. O primeiro está preso nas malhas da coletividade, se limita a repetir, reproduzir e recriar o funcionamento social tal qual ele é. Seu inverso é o sujeito. O sujeito humano é criativo, ele tem escolhas. Ele tenta sair dessas malhas da coletividade para tentar transformá-la, sendo criador de sua própria história.

Sobre a questão da criatividade, observa-se a presença dela como uma prova de boa saúde. Sua falta pode representar uma doença. As repetições, a submissão, o ambiente ameaçador e até mesmo os aspectos da história do sujeito podem representar obstáculos à criatividade. Situações que podem ser aplicadas ao contexto atual, como as ameaças de demissões, acidente do trabalho, doença, reconversão profissional imposta, migração forçada também são fatores que impedem o desenvolvimento da criatividade (Lhuillier, 2014).

Ainda em contextos em que reinam o pensamento único e a exigência de conformidade, existe um bloqueio da criatividade. “Pertencer supõe então repetir. Não fazê-lo é correr o risco de, em primeiro lugar, ser estigmatizado e, em seguida, ser excluído” (Lhuillier, 2014, p. 14). Dessa forma, pertencer a um grupo significa adotar a identidade coletiva e abstrair-se da identidade individual. Indo nesse sentido, percebe-se que quanto maior a identidade coletiva, menor o questionamento e menor a autonomia (Enriquez, 1990).

Esse debate traz a tona o que será discutido sobre a ideologia gerencialista. Entretanto, é necessário expor algumas considerações a respeito de prazer e sofrimento no trabalho, que se encontram no tópico a seguir.

O trabalho como fonte de prazer e sofrimento

O questionamento da relação entre sujeito e trabalho é objeto de estudo das clínicas do trabalho. Bendassoli e Soboll (2011) destacam as duas faces do trabalho: de um lado fonte de atividade criativa e, do outro, a sublimação. Segundo Gaulejac (2007), é por meio da atividade (trabalho) que o sujeito se desenvolve e se afirma. Já na concepção de Carvalho e Garcia (2011), o prazer vivenciado no trabalho favorece a valorização e o reconhecimento quando se apresenta como algo significativo e relevante para a sociedade.

Por outro lado, o trabalho representa fonte de sofrimento e desgaste. O sofrimento surge da atividade impedida, do desenvolvimento bloqueado (Bendassoli & Soboll, 2011). Para Lhuilier (2014), essa atividade impedida é a base das preocupações relacionadas à saúde do trabalhador. Nesse caso o sujeito tem sua vida psíquica anestesiada, a confrontação com o real fica travada e as atividades são reduzidas a condutas programadas, destituídas de afeto (Lhuilier, 2014).

Lhuilier (2014) apresenta uma abordagem do trabalho não como a parte maldita da atividade humana, e sim como a ação do homem sobre seu ambiente. Assim, ela afirma que o trabalho é o fundamento da construção do sujeito e das unidades sociais. A autora considera que o trabalho não é apenas uma atividade, mas também uma instituição de dupla funcionalidade, social e psíquica e aborda sobre a divisão do trabalho ao tratar do “trabalho sujo”. As atividades relativas ao “trabalho sujo” normalmente são marcadas pela invisibilidade social e desvalorizadas. Existe uma diferenciação entre profissões prestigiadas e as estigmatizadas, formando assim uma escala de desejabilidade moral e psicológica das profissões. Tal escala distingue as tarefas que são fontes de prazer e de gratificações narcísicas das tarefas consideradas ingratas ou condenáveis (Lhuilier, 2014).

Desse modo, as pessoas que desempenham o trabalho sujo recebem julgamentos que pesam sobre a própria autoimagem. Segundo Lhuilier (2014), essas profissões se constituem de tarefas consideradas humilhantes e degradantes, responsáveis por eliminar o que é considerado negativo em uma sociedade e, por isso, devem ficar nos bastidores. Esses empregos negativos estão ligados ao lixo, à faxina, à ordem pública, bem como a repressão das profissões que lidam com a morte, a loucura, a violência, a velhice, a marginalidade, a deficiência, entre outras (Lhuilier, 2014).

De acordo com Bendassoli e Soboll (2011), um importante tema de pesquisa das clínicas do trabalho é representado pelas diversas formas de mal estar relacionado ao trabalho, que nascem pela crescente exigência por parte das organizações. A hegemonia das organizações mina o poder de agir do sujeito. O interesse das clínicas do trabalho é resgatar esse poder de agir do sujeito, reafirmando o seu processo emancipatório, e não apenas o desempenho deles, conforme dita a ideologia gerencialista, que tem como objetivo adaptar o sujeito aos imperativos de desempenho e eficiência. Sendo assim, o próximo tópico traz uma abordagem sobre a ideologia gerencialista.

A ideologia gerencialista

Para Gaulejac (2007, p. 308) a finalidade desse sistema regido pela ideologia gerencialista é transformar “cada indivíduo em trabalhador, e cada trabalhador em instrumento adaptado às necessidades da empresa”. De acordo com Onuma, Zwick e Brito (2015) essa ideologia é uma prática que facilita o exercício do poder pela naturalização de práticas empresariais tidas como indiscutíveis. Nessa prática, as relações humanas são instrumentalizadas, mercantilizadas. Enriquez (1997) caracteriza essa mercantilização das relações como o triunfo da racionalidade instrumental, que tende a fazer dos seres humanos objetos manipuláveis.

Para Linhares (2014), a ideologia gerencialista se difundiu com a emergência de um mundo líquido, caracterizado pela incerteza, fluidez e dinamismo organizacional, sendo marcada pelo empoderamento do mercado e secundarização dos homens. Nesse contexto, existe uma substituição da dignidade pela utilidade e da solidariedade coletiva pela celebração do mérito individual (Onuma, Zwick & Brito, 2015). Para completar, Linhares (2014) afirma que esse discurso viabiliza a captura da subjetividade, fortalecendo a ética do individualismo, que busca o sucesso a qualquer custo.

A sociedade se contamina pela ideologia gerencialista em todas as suas esferas, caracterizada pela busca desenfreada pelo desempenho, formando assim a cultura do desempenho. De acordo com Gaulejac (2007, p. 28), “tudo se gere”, sendo que a gestão é definitivamente um sistema de organização de poder, que se torna uma doença social a partir do momento em que ela deixa o lugar de ferramenta e passa a ser o fim de tudo, não só dentro das organizações, mas também na família, que se torna uma produtora de indivíduos produtores.

Conforme Gaulejac (2007), a ideologia gerencialista é uma mistura de regras racionais, de prescrições precisas, de instrumentos de medida sofisticados e de técnicas de avaliações precisas. Entretanto, ela possui outra face, caracterizada por regras irracionais, prescrições irrealistas e julgamentos arbitrários. É constituída por uma racionalidade fria e objetiva. Para o autor, essa ideologia gerencialista é marcada por um contexto cada vez mais paradoxal, levando os indivíduos a uma submissão livremente consentida.

Essa prática de controle adveio de fenômenos como a globalização. Como resultados, tem-se um aumento de empregos precários, desqualificados, criando uma massa de desvalorizados e desafiliados (Gaulejac, 2007). O aspecto econômico passa a ser o centro e o trabalhador uma parte da engrenagem para alcançar os resultados (Salimon & Siqueira, 2013). O humano se torna um recurso a serviço da

empresa. Os recursos humanos tornam-se ajustáveis de acordo com a lógica financeira, e, nessa ideologia, esses recursos devem ser ajustados ao máximo (Gaulejac, 2007).

A ideologia gerencialista tem o objetivo de canalizar a energia psíquica e transformá-la em força de trabalho. O poderio vai além, contaminando a esfera política, fazendo com que a lógica econômica do custo-benefício prevaleça sobre os valores políticos. A economia dita as leis. O cidadão é visto como um cliente e o estado precisa prestar um serviço com eficiência e qualidade (Gaulejac, 2007). Para Linhares (2014), a ideologia gerencialista favorece uma inversão de papéis, atribuindo aos resultados um fim em si mesmo, conferindo à sociedade, e conseqüentemente aos sujeitos, o papel de meio para que a lógica financeira funcione, dando espaço ao império da racionalidade instrumental.

A ideologia gerencialista transforma trabalhadores em agentes de desempenho. Atualmente, tem-se transferido o controle dos superiores para a própria pessoa, em um discurso de aumento da flexibilidade. Entretanto, a flexibilidade de cada agente é reduzida devido ao controle. Se os trabalhadores não se adaptam a essas novas exigências, eles são descartados. Dessa forma, é sempre preciso estar acima das expectativas (Gaulejac, 2007).

Assim, após essas explicações, o próximo debate traz a cultura do alto desempenho e da excelência, elementos da ideologia gerencialista que transformam os indivíduos em instrumentos passíveis de mensuração.

O culto ao desempenho e à excelência

A excelência operacional é um objetivo buscado por todas as empresas, que, de forma geral, visam o crescimento da organização, a sobrevivência no mercado e o lucro para os acionistas. Para se atingir tal resultado, é necessário haver um gerenciamento de pessoas eficaz, voltado para o alto desempenho. Para Gaulejac (2007), a excelência é apresentada na lógica capitalista atual como uma forma de levar a empresa à perfeição. Esse discurso engaja as pessoas em uma corrida rumo a um ideal inacessível, a perfeição, o que leva o indivíduo ao imaginário do sucesso. Não se deve contentar apenas em exercer seu trabalho adequadamente, tem que ser o melhor no que faz, o que leva a uma competição desenfreada. O sucesso se torna uma obrigação à existência do ser, que se não ganhar, deve desaparecer.

Essa competição também é traduzida pelo culto ao desempenho. Gaulejac (2007, p. 87) define desempenho como “medida de resultados obtidos por um indivíduo, uma equipe, uma organização ou um processo”, sendo ele a finalidade suprema.

Ainda segundo o autor, a cultura do alto desempenho traz benefícios para as empresas e pressão para os funcionários.

O culto ao desempenho e à excelência estabelece na sociedade e, principalmente no mundo do trabalho, uma permanente concorrência que se opõe ao conjunto dos assalariados em uma exigência de "sempre mais". A partir disso, o trabalho deixa de ser uma atividade a ser realizada com seus tempos e horas definidos e passa a ser uma tarefa de realizar desempenhos. O foco é ser mais rápido, mais preciso, mais ativo, mais concreto (Gaulejac, 2007, p. 87). Na visão de Enriquez (1997), essa cultura reina absoluto na sociedade capitalista e tem relação com a visão dos gestores a respeito do seu papel dentro da empresa.

O culto a excelência também está ligado à percepção das pessoas quanto ao seu papel na sociedade. Os indivíduos que conseguirem se adaptar a estes valores do sucesso ditados pela ideologia gerencialista serão reconhecidos como parte do social, enquanto aqueles que não se adaptarem serão considerados fracos e excluídos, tendo que se contentar com atividades subalternas, ou até mesmo serão rebaixados a categoria de desqualificados sociais, os chamados assistidos ou marginais (Enriquez, 1997). Essa é a parte maldita ou sóbria do desempenho (Gaulejac, 2007).

A face sombria do desempenho é relatada por Gaulejac (2007) como aquela que divide os vencedores dos perdedores. Esses últimos, os que não conseguiram se adequar, ou acompanhar o ritmo, e são excluídos. Essa necessidade em separar os indivíduos entre pessoas qualificadas e não qualificadas, leva à doença da medida, definido por Gaulejac (2007) como quantofrenia. Esse instrumento provoca a ilusão de que a realidade pode ser compreendida e dominada com a condição de que se possa medi-la. São as condutas se tornando comparáveis numericamente. Enriquez (1997) caracteriza a medida como o único elemento de diferenciação entre seres.

Morin (2003) acredita que a ciência expulsou o sujeito das ciências humanas à medida que se instaurou o princípio determinista e redutor. O princípio redutor tende a reduzir o conhecimento ao que é mensurável, quantificável, condenando tudo aquilo que não se pode traduzir em unidades de medida, como é o caso do sujeito.

Ora, nem o ser, nem a existência, nem o sujeito podem ser expressos matematicamente ou por meio de fórmulas. O que Heidegger chama de “a essência devoradora do cálculo” pulveriza os seres, as qualidades e as complexidades, e, ao mesmo tempo, leva à “quantofrenia”[...] (Morin, 2003, p. 88).

Para Gaulejac (2007, p. 28) “o humano se torna um capital que convém tornar produtivo”. Sendo assim, a ordem é atingir o êxito econômico e pessoal. A cifra da excelência traz como consequências a primazia da técnica sobre o humano, transformando os seres humanos em recursos materiais, “seres técnicos” a favor do capitalismo e do enriquecimento dos acionistas. As relações sociais se tornam relações mercantis. Não há espaço para subjetividade, pois essa não pode ser medida, sendo assim desconsiderada (Enriquez, 1997; Gaulejac, 2007).

A empresa tem ainda o poder de significar um objeto de desejo, um lugar da socialização e do amor comunitário (Enriquez, 1997). Para Linhares (2014), o desejo de afirmação narcísica é utilizado pela ideologia gerencialista para ocupar a totalidade do espaço psíquico das pessoas, prendendo os sujeitos em suas próprias armadilhas de onipotência e carência de amor. Assim, as empresas manipulam seus discursos indo de encontro a desejos narcísicos dos indivíduos.

Entretanto, essa dinâmica de jogo das empresas distingue os ganhadores e os perdedores. E mesmo para os vencedores, há a pressão por ganhar mais, nunca há uma estabilidade no pódio. Ele sempre deverá vencer as próximas provas. Nesse caso, os desempenhos antigos não serão computados como positivos, mas como uma exigência de superação. Nesse tipo de jogo, todos ocupam lugares de

vencedores e perdedores, menos a empresa, que consegue se sustentar, sempre segura de sua perenidade (Enriquez, 1997).

Para se manter nesse jogo, os indivíduos buscam a perfeição a qualquer custo, sendo capazes de recorrer a intervenções genéticas. A crítica apresentada no próximo tópico se refere à eugenia liberal, que transforma pessoas em objetos ao modelar suas características, como um produto de qualidade.

A crítica à eugenia liberal

Para Gaulejac (2007), no sistema capitalista atual, tudo se gerencia: emoções, a vida, a família, a saúde, a carreira, a cidade. Todos os aspectos da existência humana são controlados pela gestão. Essa ideologia gerencialista aplicada não só ao mundo do trabalho, como também a outras esferas traz a concepção do indivíduo como um instrumento, um utensílio, que precisa ser válido, ou seja, que precisa estar acima das expectativas.

Aqueles que não conseguem alcançar as metas, acompanhar o ritmo ou até se adequar as mudanças impostas dinamicamente pela ideologia gerencialista são excluídos, derrotados pela modernização. Esse gerenciamento de valores que não são gerenciáveis leva à crítica à eugenia liberal. O termo eugenia tem origem

grega e foi criado em 1883 pelo antropólogo inglês Francis Galton, sendo seu significado literal: *bem nascido* (Rohling, 2013). Dessa forma, Galton, influenciado pela sua leitura da teoria de Darwin – seleção natural das espécies – acreditava que a espécie humana poderia ser melhorada por meio da eugenia, ou seja, os humanos poderiam realizar sua própria evolução (Rohling, 2013; Kevles, 2003).

Porém, Habermas (2004), em seu livro intitulado *O Futuro da Natureza Humana*, critica os avanços da engenharia genética em questões que dizem respeito à eugenia e ao direito de liberdade de reprodução. O autor cita sobre o progresso na biotecnologia:

O progresso das ciências biológicas e o desenvolvimento das biotecnologias ampliam não apenas as possibilidades de ação já conhecidas, mas também possibilitam um novo tipo de intervenção. O que antes era “dado” como natureza orgânica e podia quando muito ser “cultivado”, move-se atualmente no campo da intervenção orientada para um objetivo (Habermas, 2004, p. 17).

Habermas enxerga a eugenia como uma intervenção da tecnologia na natureza biológica dos seres humanos. Dessa forma, o autor se posiciona de maneira crítica à eugenia do tipo liberal, ou seja, aquela que deixa essas intervenções à disposição, livres, sem diferenciação das intervenções do tipo terapêutico – da

qual Habermas é a favor – e daquelas de aperfeiçoamento, sendo regulada pelas leis do mercado, sem intervenção do Estado. Assim, o autor afirma que os sujeitos poderão utilizar duas margens de decisão: a autônoma – na forma democrática da vontade; ou arbitrária – através de preferências subjetivas, nas quais o mercado irá satisfazer (Habermas, 2004).

A grande questão abordada por Habermas está relacionada ao fato de que na busca por tratamentos antecipados de doenças e má-formação, as tecnologias produzam uma “auto-instrumentalização” dos seres humanos, estipulando características desejadas para os seres que irão nascer, acarretando na questão da seletividade das aptidões e habilidades. Dessa forma, essa eugenia liberal colocará a responsabilidade das escolhas genéticas a serem adotadas nos pais, interferindo no status dos indivíduos geneticamente modificados, não sendo eles os autores da sua própria trajetória de vida (Andrade, 2005, p. 13).

Para Habermas (2004), a partir do momento em que as características genéticas dos descendentes são escolhidas pelos adultos como se fosse um produto customizado, a liberdade ética de uma pessoa será afetada, já que a mesma se torna um objeto passível de manipulação.

Para Habermas (2004), a escolha da composição genética torna humanos em objetos, retira a liberdade do ser. Uma vez tomada a decisão, os produtores de tal combinação seriam então responsáveis pelo produto, o que resulta em uma confusão entre pessoas e coisas. O destino passa a ser determinado pela socialização. A pessoa, nesse caso, perde o direito à construção de sua história, sobrando duas alternativas a se recorrer: o fatalismo e o ressentimento.

A maneira como essas considerações foram trabalhadas para analisar o objeto de estudo está exposta a seguir. As considerações de outros estudiosos de análise fílmica também são abordadas na metodologia.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo discutir como a análise fílmica de *Gattaca – A Experiência Genética* contribui para a construção de uma reflexão sobre as implicações do excessivo instrumentalismo da gestão, proposto por Gaulejac (2007). A estrutura metodológica deste artigo está apoiada na abordagem qualitativa, sendo que, especialmente no contexto dos estudos organizacionais, essa pode ser utilizada na compreensão de como o mundo é vivido pelas pessoas, com vistas ao esclarecimento de aspetos referentes à natureza da experiência vivida (Leite & Gardini, 2016).

Para compreender o mundo vivido sob a ótica dos filmes, foi utilizada a análise fílmica. Para Morin (2003) as artes são uma forma de ver o mundo esteticamente. Assim, toda grande obra de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura ou escultura acarreta um pensamento profundo sobre a condição humana.

De acordo com Sousa e Moura (2015), assim como outras metodologias, o filme torna-se uma forte ferramenta para a construção do conhecimento científico, quando utilizado de forma adequada. Na concepção de Tavares *et. al* (2012), os filmes podem apresentar diversos significados e permitem interpretações variadas.

Segundo Goliot-Lété e Vanoye (1992) citado por Assis *et. al* (2016), o filme é um produto cultural inserido num contexto socio-histórico e fornece representações que remetem direta ou indiretamente a sociedade na qual se inscreve. Assim, o filme pode ser considerado uma representação da sociedade. Para Charaudeau (2006), essas representações midiáticas apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores . Além disto, o cinema é uma linguagem, entendida como um processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias. Portanto, os fenômenos linguísticos devem ser analisados em consonância com as circunstâncias materiais e temporais da realização do filme (Martin, 2005).

Conforme Ipiranga (2007), o filme não deve ser entendido como um neutro instrumento de comunicação, pois sempre envolve mais sujeitos em comunicação entre eles, a exemplo, de autor, diretor, ator, professor, espectador, estudantes. A análise de um filme deve ser composta de duas etapas, conforme afirma Penafria (2009). A primeira é a decomposição ou descrição e a segunda etapa, a interpretação, ou seja, o estabelecimento de relações entre os elementos decompostos. Para a análise devem ser estabelecidos os objetivos *a priori*, e o analista precisa ter clareza daquilo que pretende interpretar (Penafria, 2009).

Gardini *et al.* (2014), com base nos estudos de Denzin (2004), afirmam que existem um conjunto de quatro princípios na utilização da pesquisa visual, incluindo a análise crítica do documento visual. São eles: Considerar o filme como um todo, anotando os destaques; voltar-se a questão da pesquisa anotando as evidências; pensar em uma estrutura para a análise de acordo com as cenas; por último procurar padrões no filme por meio de uma interpretação final.

Como método de análise, será adotado a análise de discurso, seguindo os conceitos de Charaudeau (1983; 2001; 2006). Para o autor, todo discurso é uma representação de relação anterior a representação do mundo. Charaudeau (2006) atribui à comunicação o papel de fenômeno social que torna possível a necessidade

humana de se relacionar. Já a informação é o aspecto necessário à produção do discurso em situação de comunicação (Charaudeau, 2006, p. 34).

Em sua obra *Discurso das Mídias*, o autor fala sobre a máquina midiática e suas construções de sentido. Ele afirma que todo discurso possui produtores, destinatários, receptores, e toda produção midiática possui efeitos esperados em relação a esses atores. Conforme Nogueira (2004) o maior compromisso de Charaudeau é a articulação entre os planos situacional e linguístico. O plano situacional se refere à realidade social em que o discurso é produzido. Já o plano linguístico, refere-se às características internas do discurso. Para Charaudeau (1983; 2001) todo ato de linguagem ocorre dentro de um tipo específico de relação contratual que define aspectos do plano situacional e do plano comunicacional e discursivo.

Segundo Nogueira (2004), o desafio de Charaudeau é articular as dimensões psicossociológicas envolvidas num ato de linguagem, podendo citar a identidade e os papéis sociais dos interlocutores, as relações sociais em que estão inseridos, os objetivos, as representações e as expectativas dos parceiros. Compreende-se então que os conceitos de Charaudeau (2006) apontam que a linguagem envolve intencionalidade, expectativas, sendo o ato comunicacional praticado por sujeitos produtores de significações languageiras. Feitas essas articulações, a análise se

constitui de uma breve apresentação do filme, para em seguida apresentar a análise de aspectos identificados como comuns entre filme e teoria apresentada no referencial teórico.

O objetivo deste trabalho foi analisar como a análise fílmica de *Gattaca – A Experiência Genética* contribui para a discussão em estudos organizacionais sobre a outra face da gestão, proposta por Gaulejac. É importante ressaltar que este trabalho não teve como pretensão fazer uma crítica ao filme, e sim empregá-lo como uma figura ilustrativa, identificando no discurso dos atores ligações com o que ocorre na realidade sobre a outra face da gestão. Não se tratou de debater a questão ética, ou a biotecnologia, mas sim a subjetividade do ator principal e sua relação com o contexto social. Esse posicionamento justifica as categorias escolhidas a serem analisadas: válidos X inválidos; o fardo do sucesso garantido – o “culto aos campeões”; a ditadura do tempo real e a quantofrenia; e “vende-se uma identidade!” A mercantilização do ser humano. Essa categorização se deu para melhor organizar a análise de acordo com as passagens do filme e a teoria referenciada nesta pesquisa, além de apontar o que se desejou discutir com essa análise.

ANÁLISE

Apresentação do Filme

O filme *Gattaca – Uma experiência genética* foi lançado no ano de 1997, nos Estados Unidos. A tecnologia imaginada na obra aborda intervenções humanas até mesmo na genética dos seres, na qual, na visão da ciência, as pessoas mais evoluídas geneticamente teriam mais oportunidades que os indivíduos nascidos biologicamente .

A partir deste ponto, o filme traz os conceitos de pessoas inválidas (que são concebidas biologicamente) e os filhos da ciência (escolhidos geneticamente em laboratório). Os primeiros estão destinados a trabalharem em empregos de menor reconhecimento, tais como faxineiros, porteiros e cozinheiros. Já os filhos da ciência conseguem trabalhos de destaque em empresas importantes. Essa divisão é justificada porque os inválidos tem maior probabilidade de nascer com doenças e características que atrapalhariam seu desempenho, como miopia, por exemplo. Já os filhos da ciência são definidos geneticamente pelos pais, diminuindo as chances de possuírem características que atrapalhassem seu desempenho.

Vincent Freeman, ator principal, é uma dessas pessoas consideradas inválidas, visto que foi concebido através do amor dos pais, e não de um laboratório. Este

possui um sonho desde criança: ser um astronauta. Todavia, sua limitação genética impede que seu desejo se cumpra, obrigando o personagem a manipular um material que lhe permitia enganar o sistema e ser considerado um válido. É dessa forma que ele consegue se infiltrar na empresa Gattaca, mostrar o seu valor (se passando por um válido) e conquistar a oportunidade de viajar para o espaço.

Ao comprar a identidade com Jerome, personagem válido que sofreu um acidente de carro e ficou paraplégico, Vincent precisa seguir rituais diários para não levantar suspeitas sobre quem realmente é. Tudo o denuncia. Suas células, fios de cabelo e até mesmo sua miopia podem colocar sua identidade em risco. Para evitar que descubram seu segredo ele precisa fazer uma limpeza em sua pele todas as manhãs por meio da esfoliação, além de colocar fios de cabelo e outros materiais genéticos de Jerome em sua gaveta e teclado do computador da empresa.

A segregação social ocorre logo após o nascimento de uma criança, onde a equipe médica emite um relatório a partir de um exame de sangue para mapear quais probabilidades de se ter uma doença e também a expectativa de vida. No caso do protagonista, a expectativa era 32 anos. Desde sua infância Vincent sofreu preconceito pelo fato de ter sido concebido de forma natural, não podendo

frequentar qualquer escola, incentivando seus pais a recorrerem à tecnologia para terem o segundo filho, Anton, que seria manipulado geneticamente com um conjunto das melhores características do pai e da mãe.

Mesmo sendo ilegal a discriminação e independente das mentiras que Vincent contava em seu currículo, ele não conseguia ter a oportunidade que sempre quis, pois seu verdadeiro currículo estava em suas células. Não havia motivo para as empresas investirem em treinamento para uma pessoa com baixa expectativa de vida enquanto tinham disponíveis milhares de pessoas geneticamente mais capazes de fazer o mesmo trabalho de um inválido.

O desenrolar do filme se resume à busca das autoridades atrás do assassinato de um dos diretores da corporação e aos desafios encontrados por Vincent para driblar as ferramentas de controle. O filme é finalizado com o conflito entre Anton e Vincent, que se desafiaram a vida toda, tendo sempre o irmão inválido como perdedor. Ao mesmo tempo em que Vincent consegue realizar o seu sonho, Jerome consegue se livrar do fardo de ser um válido que se tornou inválido, cometendo suicídio em um forno.

Válidos X Inválidos

Enriquez (1997) e Gaulejac (2007) denunciam a segregação social trazida pela cultura do alto desempenho. Conforme os autores, aqueles que não se adaptarem às exigências da ideologia gerencialista serão considerados fracos e seu destino será, na melhor das hipóteses, buscar atividades subalternas, ou então serão rebaixados a categoria de desqualificados sociais.

A finalidade do sistema capitalista, governado pelo império da razão instrumental, é transformar cada indivíduo em utensílio adaptado à empresa. Para ser válido, é preciso estar sempre acima das expectativas (Gaulejac, 2007). É a divisão social apresentada pelo filme: a sociedade dividida entre os válidos e os inválidos. Os válidos são produtos de alta qualidade e os inválidos são os produtos com falhas e fadados ao fracasso pelo fato de não terem sido concebidos pela mãe tecnologia, e sim pela natureza.

No livro *Gestão como Doença Social*, Gaulejac (2007) fala sobre a adesão da família a essa ideologia gerencialista. O objetivo da família, neste cenário, passa a ser “fabricar indivíduos empregáveis” (Gaulejac, 2007, p. 181). Os pais estão tão preocupados em preparar os filhos para sua carreira profissional e se esquecem de prepará-lo para viver em sociedade. Os pais de Vincent, vendo que seu filho era considerado um inválido e improdutivo para o sistema vigente, escolheram

“produzir” um filho válido, elaborado por manipulação genética de um laboratório. No âmbito da obra, essa prática é considerada normal para a sociedade. Na esfera real, essa realidade não está distante, já que hoje o mercado exige pessoas cada vez mais capacitadas, reservando os trabalhos subalternos para as pessoas que não possuem qualificação adequada.

E é a sociedade do filme que Habermas (2004) critica. Para o autor, nas sociedades liberais haveria a eugenia do tipo liberal, nas quais as intervenções poderiam ser feitas livremente, sendo reguladas pelas leis do mercado que tem sempre interesses lucrativos, sem nenhuma intervenção do Estado. Para o autor, essas tecnologias criam uma “auto-instrumentalização” dos sujeitos, estipulando a escolha de características desejadas, levando para a questão da seletividade das aptidões e habilidades (Andrade, 2005).

Dessa forma, percebe-se que no filme os pais possuem total autonomia para decidirem as características para seus filhos, escolhendo praticamente o destino deles. Assim, pode-se fazer uma reflexão: Por que os pais escolhem os traços mais aceitos? Observa-se que o pai de Vincent escolhe dar o seu nome ao filho válido, mesmo esse sendo o filho mais novo. Os inválidos sofrem discriminação desde o momento em que nascem, sendo sempre colocados como inferiores aos sujeitos válidos. Já os últimos são esperados para os melhores trabalhos, os de mais

prestígio. No filme é manifesta a separação entre as profissões destinadas aos válidos e inválidos. Esses últimos deveriam se ocupar da limpeza, retirada dos lixos, entre outras tarefas, que de acordo com Lhuilier (2014), são profissões se constituem de tarefas consideradas humilhantes e degradantes, responsáveis por eliminar o que é considerado negativo em uma sociedade e por isso devem ficar nos bastidores. Eles trabalhavam como invisíveis sociais, o que era garantido pelos uniformes em cor cinza, sempre iguais, sem nenhuma diferenciação entre eles. Era um trabalho considerado ingrato e condenável. Já os válidos ocupavam posições de executivos, usavam ternos, tinham acesso a computadores, entre outros aparatos.

Por esses motivos, Vincent Freeman precisava passar por um ritual diário de luta contra si mesmo, já que uma célula era capaz de denunciá-lo como inválido. Para reduzir o risco ao máximo, o protagonista realizava ações diárias, como se raspar e se esfoliar. Esse ritual fazia parte da transformação diária de Vincent em Jerome Morrow. Vincent inclusive continuava sua rotina ao chegar em Gattaca, empresa onde trabalhava, colocando fios de cabelo e células de Jerome em seus materiais de trabalho. Refletindo sobre isso, entende-se que existe uma mistura entre os instrumentos de trabalho e o indivíduo, que se torna mais um instrumento como o computador, o teclado. Em busca de manter seu cadastro como válido na empresa Gattaca, Vincent removia tudo o que era seu, afinal, o

que valia para a Gattaca era o que aparecia nos monitores, era a medição genética, e não sua subjetividade.

Na fala de Vincent, ele fazia parte de uma subclasse social discriminada a nível de testes científicos, devido a sua genética, por não ter sido programado por laboratório. Correlacionando ao livro de Gaulejac (2007), esse cenário demonstra que os problemas sociais foram transferidos para o plano individual, ou seja, a culpa é do indivíduo por não ser excelente como deveria, por não alcançar as metas definidas para ser válido nessa sociedade.

A culpa sempre é dos trabalhadores, que ficam em constante luta para alcançar desempenhos superiores, enquanto as empresas permanecem perenes, assistindo o jogo do outro lado do monitor, assistindo o trabalhador adoecendo, se matando, entre outras consequências (Enriquez, 1997). O filme traz o padrão do ser humano “válido” programado geneticamente para não ter doenças, ser superior aos demais, é o culto aos campeões, o que se torna um fardo àqueles que foram produzidos para serem perfeitos.

O fardo do sucesso garantido – o “culto aos campeões”

Para Gaulejac (2007), nessa sociedade “gerenciada”, o sucesso se torna um valor pervertido. Todos querem ser campeões. Todavia, a competição rumo a melhor colocação é baseada na ilusão do sucesso. Para tanto, o autor cita as disparidades de reconhecimento entre artistas de TV, atletas, jogadores de futebol, e os pesquisadores, os médicos, entre outros profissionais que não são reconhecidos como modelo de sucesso nessa sociedade. Enriquez (1997) afirma que a empresa passa a utilizar a lógica do mundo dos esportes

O imaginário do sucesso leva cada um a querer ser o melhor (Gaulejac, 2007, p. 84). Vincent tinha uma ilusão com um modelo de sucesso, para ele, só alcançaria o sucesso quando estivesse dentro de uma nave, indo para o espaço. Ele precisava sair desse planeta para encontrar o sentido de sua vida. Conforme afirma Enriquez (1997), a empresa tem o poder de significar um objeto de desejo, um lugar da socialização e do amor comunitário. Para Linhares (2014), ela estimula um desejo de afirmação narcísica, que ocupa o espaço psíquico das pessoas, prendendo os sujeitos em suas próprias armadilhas de onipotência e carência de amor. Desde criança, Vincent tinha o sonho de ir para o espaço, e ele entendeu que só concretizaria esse sonho sendo um funcionário válido da empresa Gattaca.

Sendo assim, é depositado na empresa todo seu desejo e todas as suas ações são voltadas para o for necessário para ser aceito nesse grupo.

O filme mostra que, para os geneticamente superiores, o sucesso era garantido. Entretanto, algo que não fica explicado é como Jerome, um modelo de sucesso, válido, atleta, vencedor, um exemplo de campeão, tenta se suicidar. Indaga-se então o que pode ter dado errado. Se valendo da crítica de Habermas (2004), ao tem sua composição genética planejada em laboratório, Jerome perde a oportunidade de fazer sua própria história. Ele se torna um objeto. O fardo de Jerome era o fardo da perfeição, o fardo de ser “bem nascido” e, quando ele fica paraplégico, sua identidade se torna uma *commodity*, pois o que tinha valor era o que a sociedade sabia dele, e a sociedade não sabia que ele se tornara um inválido fisicamente. Assim, ele vende sua identidade a Vincent, para que em troca ele o represente perante a sociedade, como um válido.

Nesse contexto da *Gestão como doença social*, tem-se a regra: “ou ganha ou desaparece” (Gaulejac, 2007, p. 84). Enquanto Jerome era visto como um campeão, ele tinha visibilidade perante a sociedade. Entretanto, após o incidente que o deixara preso a uma cadeira de rodas, ele desapareceu, ninguém mais o via. A excelência jamais é alcançada, a comparação entre ser “o melhor” leva em conta o próprio indivíduo, em fases anteriores. (Gaulejac, 2007, p. 84). Cada um busca ser

sempre melhor e mais rápido, já que nesse sistema, tudo é medido em tempo real. De acordo com Enriquez (1997), o indivíduo sempre deverá vencer as próximas provas, os desempenhos antigos não serão computados como positivos, e sim como uma exigência de superação.

A ditadura do tempo real e a quantofrenia

O filme mostra a todo o momento os trabalhadores da Gattaca sendo solicitados para fazer testes. Até mesmo para entrar na empresa, era necessário colher uma gota de sangue, e em tempo real um monitor mostrava as informações sobre aquela pessoa. O avanço das tecnologias informáticas e de telecomunicações instituiu uma “ditadura do tempo real” (Gaulejac, 2007, p. 41).

A ideologia gerencialista transforma trabalhadores em agentes sociais de desempenho (Gaulejac, 2007). O culto ao desempenho introduz no mundo do trabalho uma concorrência permanente. É necessário ser mais rápido, mais preciso, mais ativo, mais concreto. A quantofrenia é a doença da medida, que traz uma ilusão de domínio sobre o mundo, ela traduz fenômenos humanos e sociais em linguagem matemática. Para Enriquez (1997), nesse contexto da ideologia gerencialista, a medida se tornou o único elemento de diferenciação entre seres. No filme, com o nascimento da criança já era determinada a causa da sua morte, a probabilidade de doenças e a expectativa de vida. O contexto social é reduzido a

números e indicadores, que retiram sua essência. Vincent Freeman afirma sua inquietação com essa quantofrenia ao dizer: “Meu verdadeiro currículo eram minhas células”. A entrevista de emprego consistia em um teste genético, outras informações sobre o sujeito não eram consideradas.

Em três momentos, o filme aborda a competição entre Vincent e seu irmão, um válido. Ao contrário dos resultados dos testes genéticos, Vincent queria ser melhor que seu irmão, o que é apresentado nas cenas de competição de natação no mar. Certo dia, ele ganhou de seu irmão, mesmo sendo mais baixo e com genética inferior, havia algo em Vincent que seu irmão não tinha, e isso não poderia ser medido.

Isso comprova que a todo o momento existe uma competição, uma medição. O indivíduo é forçado a alcançar sempre mais, a se gerenciar como uma ferramenta de resultados. É a “ciência gerencial” sobre a qual discute Gaulejac (2007, p. 66) afirmando a visão economista do ser humano. O ser humano passa a ter um valor mensurável, suas condutas podem ser comparáveis, o que remete à mercantilização do ser humano.

Vende-se uma identidade! A mercantilização do ser humano

No livro, a gestão é apresentada como uma tecnologia de poder. A ideologia gerencialista legitima a mercantilização do ser humano, transformando-o em “capital que convém tornar produtivo” (Gaulejac, 2007, p. 28). É o que ocorre no filme, conforme conta Vincent, “a identidade se torna uma *commodity*” o que vai de encontro ao que Gaulejac (2007) traz sobre a inversão das prioridades. O dinheiro permite qualquer troca, até mesmo de algo que não se imaginava ser transacionado.

Com a ideologia gerencialista, as relações humanas passam a ser instrumentalizadas. Para Enriquez (1997) essa mercantilização das relações marca o triunfo da racionalidade instrumental, que tende a fazer dos seres humanos objetos manipuláveis. Vincent, em busca de seu sonho, aceita se sujeitar a qualquer procedimento para se tornar um válido, para ser aceito naquela sociedade. O procedimento mais impactante mostrado no filme é quando ele tem que fazer uma cirurgia para aumentar em cinco centímetros suas pernas, pois era mais baixo que Jerome. Ele suportou a dor e o sofrimento, sempre com o pensamento fixo em alcançar seu objetivo: o espaço. “Agora estou cinco centímetros mais perto do céu” foi o que ele disse após a operação. Entretanto, entre ele e o espaço tinha a empresa Gattaca, e ele precisaria se sujeitar a todas as práticas organizacionais dessa empresa para alcançar seu sonho.

Vincent inicialmente queria ser aceito da forma que era, mas percebeu que naquela sociedade isso não seria possível. Seu sofrimento era devido ao impedimento de realizar as atividades que desejava desde criança. Ele não podia brincar, pois se machucaria, não podia frequentar a escola, pois era um inválido. Assim, ele percebeu que para ser aceito na Gattaca e naquela sociedade precisaria imitar os válidos, se destituindo de afeto, afastou-se da família e passou a executar atividades e gestos programados, assim como o faziam os válidos. Ele se transformou em um instrumento, se rendendo à ditadura da ideologia gerencialista.

Linhares (2014) afirma que a ideologia gerencialista viabiliza a captura da subjetividade, fortalecendo a ética do individualismo, que busca o sucesso a qualquer custo. Vincent buscava o sucesso a qualquer custo. Ele não se importava com o que precisaria fazer, adotando uma conduta ética ou não, ele queria alcançar seu objetivo. Mesmo que para isso fosse necessário passar por procedimentos dolorosos, mentir, fugir, se passar por outra pessoa, ou até mesmo matar quem descobrisse seu segredo. A ideologia gerencialista suprime valores pessoais, sociais, éticos. O resultado passa a ter valor central em detrimento da subjetividade. O discurso é tão mobilizador que o próprio ser humano se submete espontaneamente às práticas de desempenho e excelência inatingíveis, fazendo de si mesmo um utensílio.

CONCLUSÃO

Este trabalho pautou-se no objetivo de discutir como a análise filmica de *Gattaca* – *A Experiência Genética* contribui para a construção de uma reflexão sobre as implicações do excessivo instrumentalismo da gestão, proposto por Gaulejac (2007). O filme serviu como uma ilustração de vários temas trazidos pelo livro de Gaulejac (2007) sobre a ideologia gerencialista dominando o contexto social e a instrumentalização do homem.

Foi possível relacionar diversas teorias com o filme escolhido. A primeira categoria explorada foi a de válidos x inválidos, apresentando a crítica de Habermas (2004) quanto à sociedade liberal. O autor critica a sociedade que preza pela liberdade das intervenções. Outro ponto que se destaca, é a eugenia que se manifesta na separação entre os válidos e inválidos, sendo os válidos aqueles que conseguem se manter superiores e alcançar as metas de desempenho impostas pelas organizações, as quais dominam a sociedade. Os válidos ou *bem nascidos* já tinham seu destino de vencedor delineado antes mesmo de nascer, é o que prega a eugenia (Habermas, 2004). Já aos inválidos restava se contentar com o trabalho sujo. Eram vistos como desqualificados sociais (Enriquez, 1994; Gaulejac, 2007). Além desse aspecto, foi possível refletir com o filme sobre o culto aos campeões e a doença da medida em tempo real, fatores que foram apresentados em todo o percurso do filme, bem como as medições de validez, os testes genéticos e a

mercantilização do ser humano. Esse último apresentado no filme quando Jerome vende sua identidade a Vincent.

Na categoria “vende-se uma identidade”, percebe-se que Vincent gerencia a si mesmo como se fosse um instrumento em busca de uma realização pessoal, driblando qualquer obstáculo que surge em seu caminho. Não demonstra sofrimento, afinal, não se apresenta como um sujeito, mas como um objeto, com o qual tudo é possível tendo em vista a realização de um objetivo desejado. Essa objetivação para Habermas (2004) vem desde as escolhas da composição genética dos filhos pelos pais, retirando a liberdade do ser. Até Vincent que não sofreu intervenções genéticas se comportava como um objeto, pois esses eram bem vistos perante a sociedade, esses eram válidos. De que adiantava ser Vincent, com toda sua inteligência e esforço, sendo ele um inválido?

Sobre a categoria o fardo do sucesso garantido – o “culto aos campeões”, observa-se no filme a família como produtora de indivíduos produtivos (Gaulejac, 2007). Vendo que seu primeiro filho era um inválido, os pais de Vincent fabricaram um filho por laboratório, para que ele fosse válido, produtivo, excelente, um produto de alta qualidade e mínimo de falhas, ao contrário do irmão, que já nascera com baixa expectativa de vida, com falhas na visão e no coração, era um produto estragado. Essa noção de qualidade aplicada ao ser humano é uma das críticas de

Gaulejac (2007) e a equação mágica: Qualidade = Excelência = Sucesso = Progresso = Desempenho = Comprometimento = Satisfação das necessidades = Responsabilização = Reconhecimento = Qualidade... E, assim, se torna um ciclo inalcançável.

O final da história mostra a fuga de Vincent e Jerome: enquanto o que era considerado inválido vai para o espaço, outro considerado válido perante a sociedade se suicida em um forno, trazendo a reflexão sobre a possibilidade de lutar contra esse sistema, contra esse mundo gerenciado. Será necessário sair dele? Outra reflexão é tentar entender o que deu errado com Jerome, um ser válido, atleta e modelo de sucesso. O que poderia dar errado a ponto de não ser explicado pela tecnologia e pelos sistemas de medição? Possivelmente algo relacionado à subjetividade, aspecto esse descartado pela ideologia gerencialista.

Essa reflexão pode ser deslocada para a situação atual. Na sociedade atual, há uma segregação social, marcada por contradições entre os "válidos" e os "inválidos", entre os ricos e pobres, entre os ignorantes e os dotados de conhecimento; entre os que executam o trabalho belo, honroso, e aqueles que executam o trabalho sujo; entre capitalistas e assalariados; entre políticos corruptos e o povo miserável.

A principal contribuição deste trabalho foi trazer a tona uma reflexão sobre a ideologia gerencialista que transforma os sujeitos em instrumentos. Essa ideologia afeta as instituições sociais, desde a família, a política, e inclusive o espaço psíquico do sujeito colocando essas esferas à favor da lógica de mercado. Entretanto, buscou-se reafirmar o poder de agir dos sujeitos, conforme o feito de Vincent, que podem utilizar sua criatividade para transformar essa realidade, sugerindo uma recusa a esse sistema que aliena, adoce e mata.

REFERÊNCIAS

Alvarenga, M. A., Leite, N. R. P., Pereira, R. L., & Viegas, O. E. (2012). Carreira orientada por valores: um estudo observacional baseado no filme 'Escritores da Liberdade'. *Anais dos Seminários em Administração FEA/USP*, São Paulo, SP, Brasil, XV.

Andrade, T. (2005). A crise da autocompreensão espécie humana. *Ambiente & Sociedade*, 8(1), 177-180.

Assis, L. B., Alves, C. A., Paula, A. P. P., & Martins, M. G. (2016). Bildung e a nota de 100 dólares: análise do filme "Quem quer ser um Milionário" a partir do sentido de Formação para os Frankfurtianos. *Anais do Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*, Belo Horizonte, MG, Brasil, IX.

Barthes, R. (1971). *Ensaaios críticos*. Lisboa: Edições 70.

Bendassoli, P. F. & Soboll, L. A. P. (2011). *Clínicas do trabalho*. São Paulo, Atlas.

Carvalho, M. V. B. & Garcia, F. C. (2011). Prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino fundamental e médio: estudo de caso em uma escola estadual da cidade de Curvelo–MG. *Anais dos Seminários em Administração FEA/USP*, São Paulo, SP, Brasil, XIV.

Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2001). Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: H. Mari, I. Machado, R. Mello. (Orgs.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas* (pp. 23-38). Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG.

Charaudeau, P. (1983). *Langage et discours*. Paris: Hachette.

Denzin, N. K. (2004). Reading film: using films and videos as empirical social science material. In: U. Flick, E. Kardorff, & I. Steinke (Eds.). *A companion to qualitative research* (p. 238-242). London: Sage.

Enriquez, E. (2001). O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: E. M. Castro, J. N. G. Araújo, M. N. M. Machado, & S. Roedel (Orgs). *Psicossociologia: análise social e intervenção* (p. 25-49). Belo Horizonte: Autêntica.

Enriquez, E. (1997). Os desafios éticos nas organizações modernas. *Revista de Administração de Empresas*, 37(2), 6-17.

Enriquez, E. (1990). *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freitas, A. D. G. & Leite, N. R. P. (2015). Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. *Revista de Administração*, 50(1), 89-104.

Gardini, A. P. S., Araújo, R., Silva, M. A. B., & Leite, N. R. P. (2014). Gestão de equipes à luz do filme "A gangue" está em campo. *Anais dos Seminários em Administração FEA/USP*, São Paulo, SP, Brasil, XVII.

Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias e Letras.

Goliot-Lété, A. & Vanoye, F. (1992). *Précis d'analyse filmique*. Paris: Nathan.

Habermas, J. (2004). *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes.

Ipiranga, A. S. R. (2007). A narração fílmica no ensino de gestão de pessoas e de comportamento organizacional. In: E. Davel, S. C. Vergara, & P. Djahanchah. *Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem* (pp. 81-91). São Paulo: Atlas.

Kevles, D. (2003). Eugenics. In: S. G. Post (Org.) *Encyclopedia of bioethics* (3a ed.). New York: MacMillan

Leite, N. R. P. & Gardini, A. P. S. (2016). As diferenças individuais e o discurso pedagógico, à luz de cinco filmes. *Anais dos Seminários em Administração FEA/USP*, São Paulo, SP, Brasil, XIX.

Lhuillier, D. (2014). Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17(n. SPE), 5-20.

Linhares, A. R. P. (2014). Um diálogo entre a modernidade líquida, o gerencialismo e teoria do reconhecimento no mundo do trabalho. *Gestão e Sociedade*, 8(21), 715-734.

Martin, M. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro.

Moraes, M. R. C. (2012). Resenha: Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 37(126), 287-289.

Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Morin, E. (1996). *A noção de sujeito. Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes médicas.

Nogueira, C. M. M. (2004). Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, 6(1), 66-71.

Oltramari, A. P., Friderichs, B. P., Grzybovski, D. (2014). Carreira, família e a dialógica do assujeitamento: o discurso vigente em uma revista popular de negócios. *Cadernos EBAPEBR*, 12(1), 112-130.

Onuma, F. M. S., Zwick, E., & Brito, M. J. (2015). Ideologia gerencialista, poder e gestão de pessoas na administração pública e privada: uma interpretação sob a ótica da análise crítica do discurso. *Revista de Ciências da Administração*, 17(42), 106-120.

Penafria, M. (2009). Análise de filmes – conceitos e metodologias. *Anais do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Lisboa, Portugal, VI.

Rohling, M. (2013). Habermas e a crítica à eugenia liberal. *Pólemos*, 2(3), 165-184.

Salimon, M. I. & Siqueira, M. V. S. (2013). Ideologia gerencialista e subjetividade do trabalhador no terceiro setor. *Revista de Administração*, 48(4), 643-657.

Sousa, A. F. & Moura, B. A. (2015). Os planos no filme Gattaca: subsídios para discutir a natureza da ciência pelo cinema. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências*, Águas de Lindóia, SP, Brasil, X.

Tavares, C. A. B., Freitas, A. D. G., & Leite, N. R. P. (2012). “Um time, um país” – um estudo sobre a eficácia da liderança à luz da análise filmica *Invictus*. *Anais dos Seminários em Administração FEA/USP*, São Paulo, SP, Brasil, XV.

Reflexões sobre o instrumentalismo da gestão: análise fílmica de Gattaca

Resumo

Esse trabalho objetiva discutir como a análise fílmica de *Gattaca – A Experiência Genética* contribui para a construção de uma reflexão sobre as implicações do excessivo instrumentalismo da gestão, proposto por Gaulejac (2007). Para tanto, tratou-se das seguintes categorias: válidos X inválidos, o fardo do sucesso garantido – o “culto aos campeões”, a ditadura do tempo real e a quantofrenia e vende-se uma identidade - a mercantilização do ser humano. Por meio da análise fílmica e da teoria apresentada foi possível notar a distinção entre válidos – aqueles que possuem as características que são aceitas – e inválidos – aqueles que não conseguiram acompanhar o ritmo, ou alcançar o desempenho satisfatório dentro das organizações. A hegemonia da ideologia gerencialista atinge todas as esferas da sociedade. Trazendo para o contexto atual, cabe a reflexão dessa eugenia e desse domínio como determinantes do destino não só dos sujeitos, mas de populações inteiras.

Palavras-Chave

Ideologia Gerencialista. Desempenho. Eugenia. Doença social. Análise fílmica.

Reflexions about the instrumentalism of management: film analysis of Gattaca

Abstract

This paper aims to discuss how the film analysis of *Gattaca – The genetic experiment* contributes to the construction of the implications of the excessive instrumentalism of management, proposed by Gaulejac (2007). For this purpose, the theoretical background discuss the categories: valid X invalid, the burden of guaranteed success – the cult of the champions, the dictatorship of the real time and the “quantofrenia” and sell an identity. Through film analysis and theory presented was possible to note the distinction between valids - those who has the characteristics that are accepted – and invalids – those who have not succeeded to accompany the pace or achieve the satisfactory performance within organizations. The hegemony of managerialist ideology reaches all spheres of society. In the actual context, it is right the reflection about this eugenics e this domain as determinants of destiny for individuals and for entire populations.

Keywords

Managerialism Ideology. Performance. Eugenics. Social Disease. Film Analysis.

Reflexiones sobre el instrumentalismo de la gestión: análisis filmico de Gattaca

Resumen

Este trabajo objetiva discutir cómo el análisis filmico de Gattaca – La Experiencia Genética contribuye a la construcción de una reflexión sobre las implicaciones del excesivo instrumentalismo de la gestión, propuesto por Gaulejac (2007). Para eso, se trató de las siguientes categorías: válidos X inválidos, la carga del éxito garantizado – el "culto a los campeones", la dictadura del tiempo real y la cuantificación y se vende una identidad – la mercantilización del ser humano. A través del análisis filmico y de la teoría presentada fue posible notar la distinción entre válidos – aquellos que poseen las características que son aceptadas - e inválidos – aquellos que no consiguieron acompañar el ritmo, o alcanzar el desempeño satisfactorio dentro de las organizaciones. La hegemonía de la ideología gerencialista alcanza todas las esferas de la sociedad. Tratándose hacia el contexto actual, cabe la reflexión de esa eugenesia y de ese dominio como determinantes del destino no sólo de los sujetos, sino de poblaciones enteras.

Palabras-clave

Ideología gerencialista. Rendimiento. Eugenesia. Enfermedad social. Análisis filmico.

Autoria

Luana Jéssica Oliveira Carmo

Mestranda em Administração pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/0893740952843691>. <https://orcid.org/0000-0002-4943-0269>. E-mail: luanajeoli@gmail.com.

Amanda Fontes Silva

Mestranda em Administração pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/2684995233766147>. <https://orcid.org/0000-0002-8042-9549>. E-mail: amandaf_silva@hotmail.com.

Marcella Barbosa Miranda Teixeira

Mestranda em Administração pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/9362750447304024>. <https://orcid.org/0000-0002-6818-5561>. E-mail: marcellabmt@gmail.com.

Ludmila Machado Guimarães de Vasconcelos

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Professora Adjunta do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

<http://lattes.cnpq.br/4199368575128934>. <https://orcid.org/0000-0001-5741-0279>. E-mail: ludmilavmg@gmail.com.

Endereço para correspondência

Luana Jéssica Oliveira Carmo. Av. Amazonas, 7675, Nova Gameleira, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30510000. Telefone: (+55 31) 99234-0191.

Como citar esta contribuição

Carmo, L. J. O., Silva, A. F., Teixeira, M. B. M., & Vasconcelos, L. M. G. (2018). Reflexões sobre o instrumentalismo da gestão: análise filmica de Gattaca. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1165-1217.

Contribuição submetida em 7 out. 2017. Aprovada em 3 jun. 2018. Publicada online em 10 fev. 2019. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editorxs especiais: Andrea Poletto Ultramari, Fernanda Tarabal Lopes e Eduardo Wannmacher.

